

EDITORIAL

Investigação-ação: Reflexão, Ação e Transformação

Numa edição comemorativa dos primeiros três anos da revista *Estreiadialogos*, cujo primeiro volume foi publicado em julho de 2016, faz sentido fazer um balanço mas também uma reflexão sobre este projeto editorial que se assume como uma das peças-chave da Rede de Investigação-Ação Colaborativa no mundo lusófono. No primeiro número da revista, fazia-se o enquadramento da revista no âmbito da Rede Lusófona, a qual se insere no contexto mais amplo da Collaborative Action Research Network (CARN) com sede em Inglaterra. Mais concretamente, advogava-se o papel da Rede na melhoria da “qualidade da prática profissional através da investigação-ação crítica e orientada para a mudança, problematizando e transformando essa mesma prática numa abordagem situada, colaborativa e assente em valores humanistas e democráticos” (Flores & Silva, 2016, p. 8). Destacava-se igualmente o reforço da “dimensão política e emancipatória da investigação no sentido de contribuir para a mudança e melhoria das práticas profissionais e dos contextos em que são desenvolvidas, em busca de uma sociedade mais democrática, mais justa e mais humana” (Flores & Silva, 2019, p. 9). Assim, nos últimos três anos, foi possível assistir à expansão da revista no mundo lusófono, incluindo a publicação de um número especial, em dezembro de 2018, na sequência da realização do I Congresso Bienal da Rede *Estreiadialogos*, na UNESP, Bauru, Brasil, que teve lugar em dezembro de 2017. Os seis volumes publicados até à data evidenciam a natureza, âmbito e contributo da investigação-ação na mudança e melhoria dos contextos sociais, salientando-se, entre outros, o âmbito da intervenção comunitária, da mediação, da saúde e da educação. Como sustentam Carr e Kemmis (1986, citados em Day, 2001, p. 65),

“A investigação-ação é uma forma de investigação autorreflexiva, desenvolvida pelos participantes em situações sociais (incluindo educacionais), com vista a melhorar a racionalidade e justiça (a) das suas próprias práticas sociais ou educacionais, (b) da sua compreensão sobre essas mesmas práticas e (c) das situações em que essas práticas se realizam.”

Na mesma linha, Latorre (2003, p. 27) sublinha que “a investigação-ação não é, nem investigação, nem ação, nem a intersecção dos dois, mas o ciclo recursivo e retractor de

investigação e ação”. Neste sentido, a investigação-ação assume-se como uma metodologia participativa, colaborativa, sistemática, política, crítica e orientada para a mudança (Kemmis & McTaggart, 1992). Os mesmos autores destacam como principais finalidades da investigação-ação a melhoria e/ou a transformação da prática social e/ou educativa; a articulação entre investigação, ação e formação; a aproximação à realidade mobilizando a mudança e o conhecimento; a assunção dos participantes como protagonistas da investigação. No campo educativo, Elliott (1993) refere um conjunto de características da investigação-ação, nomeadamente as seguintes: i) centra-se na descoberta e resolução de problemas com que se deparam os professores; ii) adota a reflexão durante o processo e no final; iii) constitui uma prática reflexiva; iv) incorpora a teoria na prática; v) pressupõe o diálogo com outros profissionais e vi) centra-se na descoberta de problemas com que os professores se deparam.

Os seis números publicados da Revista, uns temáticos outros mais abrangentes no que respeita aos âmbitos e contextos da investigação-ação, revelam, partilham e discutem dimensões, contributos e desafios da investigação tanto do ponto de vista teórico como praxeológico.

Este número especial da Revista reúne textos de autores convidados que participaram em dois Study Days realizados no âmbito da Rede Estreiadialogos, na Universidade do Minho. Nestes seminários discutiram-se, entre outros, temas relacionados com questões críticas e qualidade da investigação-ação, bem como aspetos éticos e da participação e democratização do conhecimento, dimensões fundamentais para o aprofundamento da investigação-ação colaborativa e crítica. Da apresentação e debate destes temas entre os diversos participantes evidenciaram-se desafios e dilemas que se colocam no contexto do desenvolvimento de projetos de investigação-ação. Os quatro artigos incluídos neste volume testemunham a relevância da investigação-ação colaborativa e crítica nas sociedades contemporâneas, revisitam os seus dilemas e potencialidades e propõem reflexões estimulantes para os investigadores, os profissionais e o desenvolvimento de conhecimento democrático, crítico e transformador. Consideramos, por isso, que este número da revista corporiza uma edição especial, pois celebra o que tem vindo a ser realizado no âmbito da investigação-ação, dá destaque aos três primeiros anos da atividade da Rede Lusófona Estreiadialogos e identifica novos desafios.

No primeiro artigo “Critical Action Research Today”, Wilfred Carr, Professor Emérito da Universidade de Sheffield, Reino Unido, um nome de referência obrigatória neste âmbito, discute os aspetos mais proeminentes da investigação-ação crítica nos dias de hoje. O autor explana o

modo como a investigação-ação se expandiu nos últimos anos, desde que abordou o tópico num congresso há quase 4 décadas. Carr descreve o modo como a investigação-ação conheceu um amplo desenvolvimento em várias disciplinas e profissões, desde a educação, o serviço social, a saúde, etc., mas alerta para o facto de esta expansão nem sempre ter sido acompanhada por uma compreensão unificada sobre os seus propósitos ou objetivos. O autor enumera os distintos propósitos que, na literatura, têm sido associados à investigação-ação: melhorar a prática, mudar a prática, transformar a prática, tornar a prática mais eficaz, tornar a prática mais reflexiva, tornar a prática mais explícita, tornar a prática mais objetiva, traduzir a teoria na prática, desvelar as teorias implícitas na prática, testar ideias na ação. Para Carr, a investigação-ação assume, assim, diferentes formas adotando distintas racionalidades e práticas, as quais encerram potencialidades mas também fragilidades. No texto, o autor explora, com detalhe, o modo como a investigação-ação crítica difere das restantes e assevera que o enquadramento teórico desta modalidade foi desenvolvida há mais de 30 anos mas que necessita, nos tempos atuais, de ser revisitada para que ela possa ser sustentada no futuro.

No segundo artigo, intitulado “Condições e trajetos do desenho de projetos de investigação-ação no estágio da formação inicial de professores”, Flávia Vieira, da Universidade do Minho, Portugal, alude ao papel dos projetos de investigação-ação no âmbito do estágio da formação inicial de professores. Para a autora, estes projetos podem favorecer o desenvolvimento profissional reflexivo dos estudantes com vista à construção de práticas educativas baseadas em valores humanistas e democráticos. Vieira discute este cenário partindo de dados decorrentes de um mestrado em ensino da Universidade do Minho, com particular incidência nas condições que determinam os trajetos temáticos e metodológicos dos estagiários no desenho dos projetos. A autora conclui que emergem três tipos de dispositivos de suporte pedagógico, nomeadamente orientações de ação, articulação curricular horizontal e supervisão, assim como a confluência de fatores experienciais e contextuais na elaboração dos planos de intervenção, concluindo que a construção dos projetos constitui um processo complexo e exigente, mas também criativo e inovador.

No terceiro artigo intitulado “No contexto do arco-íris sociocultural: contributos da Investigação-Ação”, Luiza Cortesão, Professora Emérita da Universidade do Porto, discute a relevância do olhar e da escuta atenta às novas realidades da escola atual na qual a diversidade e complexidade estão presentes. No texto, a autora argumenta a necessidade de incorporar nos processos e nas práticas educativas categorias que deem conta da sua complexidade, como

‘mestiçagem’ e heterogeneidade, defendendo a necessidade de interpretação das complexidades do real e a realização de análises e intervenções de contextos próximos e diretamente vivenciados pelos professores e estudantes. Para esta escuta atenta e próxima da complexidade educativa será importante ultrapassar-se as dicotomias e hegemonias dos paradigmas científicos tradicionais, objetivos e distanciados – focados na exclusão ou/ou – para uma ciência produzida próxima das realidades vivenciadas, participativa, crítica e inclusiva. Esta proximidade e recetividade à realidade heterogénea e complexa traduzir-se-á na produção de conhecimento relevante pelos professores, através do desenvolvimento de “dispositivos de diferenciação pedagógica”, capazes de fomentar a consolidação de aprendizagens mais pertinentes para os estudantes.

Ana Paula Caetano, professora da Universidade de Lisboa, encerra este número com um artigo intitulado “Ética na investigação-ação – alguns apontamentos de reflexão”. Este texto evidencia e aprofunda dimensões teóricas e praxeológicas da investigação-ação colaborativa construindo uma reflexão atual e relevante sobre questões de qualidade científica e ética. A autora analisa as observações que, por vezes, são feitas à investigação-ação, nomeadamente a falta de neutralidade e rigor, necessários para garantir qualidade científica, identificando e argumentando sobre as regras comuns e regras próprias da investigação-ação em relação a outros modos de fazer investigação. São evidenciadas regras e orientações éticas da investigação-ação crítica e esta, tal como afirma, “orienta-se por um interesse emancipatório e a sua prática é uma praxis informada e comprometida eticamente, assente numa sabedoria prática e prudencial” (Caetano neste número). O texto, para além de trazer à discussão e reflexão aspetos importantes e sensíveis que se colocam ao desenvolvimento da investigação-ação colaborativa e crítica, organiza sistematizadamente um conjunto de reflexões e questionamentos que são enriquecidos com a apresentação de casos e experiências investigativas reais que nos convocam a uma aproximação compreensiva, interpelante e reflexiva sobre o pensar, o dizer e o fazer quotidiano da investigação-ação colaborativa, crítica e transformadora.

Dos quatro artigos que compõem este número da Revista, o primeiro e o último focam-se em aspetos abrangentes, transversais e complementares da investigação-ação. Estes dois textos revisitam, com focos distintos, a trajetória e desenvolvimento da investigação-ação crítica e salientam as potencialidades, os dilemas e os desafios atuais. Por outro lado, o segundo e o terceiro artigos inscrevem-se em contextos específicos, nomeadamente nas práticas, potencialidades e contributos da investigação-ação em contextos educativos/formativos. Em síntese, os vários textos

refletem olhares e contributos importantes e complementares, constituindo produções e referências essenciais para a consolidação da investigação-ação e para a formação dos que nela acreditam e investem.

Maria Assunção Flores

Ana Maria Silva

Universidade do Minho

Referências

- Day, C. (2001). *Desenvolvimento profissional de professores. Os desafios da aprendizagem permanente*. Porto: Porto Editora.
- Elliott, J. (1993). *El cambio educativo desde la investigación acción* (re-impressão). Madrid: Ediciones Morata, S. L.
- Flores, M. A. & Silva, C. (2016) Editorial. A ESTREIADIÁLOGOS como fórum de consolidação da investigação-ação no mundo lusófono, Revista *Estreidiálogos*, nº 1, pp.9-20, ISSN 2183-8402
- Kemmis, S. & Mctaggart, R. (1992). *Cómo planificar la investigación acción* (re-impressão). Barcelona: Laertes, s. A. De Ediciones.
- Latorre, A. (2003). *La investigación-acción. Conocer y cambiar la practica educativa*. Barcelona: Graó.